

NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

JORNAL DEFENSOR DOS INTERESSES DO CONCELHO

Redacção e Administração: R. da República, 56 A - 1.º e 2.º Andares - Telef. 34.

Composição e Impressão: Tipografia Minerva Vimaranesse - Rua de Santo António, 133.

Director, editor e proprietário - ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

COM
CENSURA
PUB
LICO

Ao regressar Festas Centenárias do Entêrro...

... Sr. Director
Acabo de assistir ao «meu entêrro» feito nas colunas desse jornal pelo sr. A. Pimenta.
Confesso, que não me desagrada saber-me «enterrado» em Guimarães, terra da minha simpatia, como tantas outras do Minho, donde eram originários os ramos materno e paterno da minha família.
Costumo passar uma vista de olhos pelo seu jornal de modo que tinha acabado de ler o artigo do sr. A. Pimenta, quando recebi um exemplar.
Vejo que em Guimarães conhecem o sr. A. Pimenta mas talvez não tenham reparado que o principal defeito desse senhor é estar sempre sentado de costas para o futuro a alinhavar o passado.
O sr. Pimenta com a preocupação de alindar o passado, que lhe é simpático, quando encontra alguma figura de vulto como os Papas Leão XIII e Pio XI, que não consegue abraçar nos seus alinhavos, e cuja projecção no futuro é incapaz de alcançar, exclama «o Papa não disse nada de novo», «tudo o que disse já vinha nos Evangelhos», «as suas ideias sobre corporativismo são as da idade média...»
Ao contrário de Mussolini, que disse um dia, não querer ver os italianos a limpar eternamente a poeira dos museus que os «touristes» deviam visitar, o sr. A. Pimenta deseja que os Papas Leão XIII e Pio XI viessem a público única e exclusivamente aconselhar os católicos a limpar permanentemente, e eternamente, a poeira da cabeleira dos Reis protectores passados, presentes e futuros.
O sr. A. Pimenta tem a preocupação dominante — e é para isso que está sempre de costas para o futuro a alinhavar o passado — de diminuir a Igreja e o Cristianismo, e de se reduzir a proporções tais, que seja natural e lógico, dada a sua fraqueza e pequenez, carecerem do auxílio de protectores reais.
Não nos apaixonamos a questão de regime mas não podemos tolerar que alguém, que se diz católico — com o pretexto de fazer a corte à monarquia — venha achincalhar a memória dos Papas Leão XIII e Pio XI com o fito de diminuir o prestígio do catolicismo e elevar o da sua causa monárquica.
Lamentamos que o sr. A. Pimenta tenha prometido não tornar a atacar os Papas pois havia tódá a vantagem em desmascarar o catolicismo deste pavão entre os pavões.
Julga o sr. A. Pimenta que nos ofende, dizendo que somos «um homem gordo e mais nada», e esqueceu-se de dizer que, embora não pretendendo ser «mais nada do que isso», temos sabido combater pela nossa causa, ora aqui, ora acolá, como um verdadeiro soldado que não tem ambições.
Já uma vez tivemos que aparecer num jornal de Braga a combater este sr. A. Pimenta que pretendia, à força de argumentos anacrónicos, demonstrar que a Igreja deve estar exclusivamente ao serviço da causa monárquica.
Nós «não somos nada» mas tivemos a coragem de fazer nas «Novidades» a campanha anti-racista numa época em que tódá a gente conservadora andava em Portugal apaixonada pelo nazismo.
Nós «não somos nada» mas fizemos há três anos no jornal «Trabalhador» a campanha a favor da distinção do trabalhador cristão, que não somente estava já nessa época contra o marxismo, mas também contra o racismo, ao contrário do que succedia à maioria dos católicos, que não tinham ainda esclarecido a sua posição.
Nós «não somos nada» mas temos sempre ocupado posições de vanguarda na defesa dos humildes, e podemos dizer, sem vaidade, que o futuro se vai carregando de nos dar razão a nós, que não estamos sempre a alinhavar o passado, e a dá cada vez menos ao sr. A. Pimenta e ao seu disco da Revolução e da Contra-Revolução.
Nós «não somos nada» mas nunca — apesar de sermos por vezes usados nas nossas concepções — nenhuma autoridade eclesiástica teve que nos chamar a capitulo — e prometer meter na ordem se continuássemos a dizer tolices — e do mesmo se não pode gabar o sr. A. Pimenta.
Nós «não somos nada» mas como fizemos a guerra, onde sobuemos cumprir com louvor o nosso dever de arriscar a vida, podemos demonstrar aos sr. A. Pimenta que os seus pontos de vista sobre a «instituição do soldado desconhecido» eram absolutamente falhos de fundamento sério.
Foi justamente por se ter verifica-

Como Sua Excelência o sr. Presidente do Conselho disse, esta semana, no seu magnífico discurso, as Festas Centenárias, pelo menos as da Fundação da Nacionalidade, sempre se realizam.
Deixarão, é certo, de ter o ar festivo, queremos dizer arraialesco, que esta região aqui e além lhes imprimiria, mas as cerimónias culturais e culturais tódas serão levadas a efeito.
Pelo menos em Guimarães e Lisboa haverá Festas Centenárias.
Ainda bem.
Para este efeito esteve em Guimarães, na última quarta-feira, o sr. Capitão Henrique Galvão, que reuniu no salão nobre da Câmara Municipal com o sr. dr. João Rocha dos Santos, ilustre presidente do município, e os srs. António José Pereira de Lima, Padre António Cândido Pires Quesado, Alfredo Guimarães, dr. Américo Durão, António de Azevedo, Luiz Cardoso M. de Menezes Margaride, José Luiz de Pina, José Gilberto Pereira, Silvino Alves de Sousa e Humberto Guimarães Pinheiro, tendo faltado, por motivo de doença, os srs. Padre Domingos da Silva Gonçalves e Alberto Vieira Braga.

As obras dos telefones
Toda a gente sabe o estado em que nos deixaram as ruas da cidade os senhores engenheiros que vieram dirigir a nova montagem da rede telefónica.
Para brio técnico de engenheiros, é muito pouco, e acrescenta-se que Guimarães não é terra de ninguém, onde quem quer usê e abuse, como em propriedade própria.
Já não era pouco estoirar as pilstras dos edifícios com arquitectura própria, para introdução de uns canos de mau gosto, chaparrando a obra de arte de uma espessa e absurda massa de cimento, quanto mais deixar, à vontade, as ruas de Guimarães no estado de pavimentação de vieira d'aldeia, e ter arrebatado os passeios das avenidas — que ainda recentemente custaram ao Estado e à Câmara quantia não pequena — para os submeter depois a emendas deploráveis e sem espécie alguma de bom gosto e brio artístico.
Entendemos que a Câmara Municipal deve requerer ao Estado um exame rigoroso, a bem da economia e do prestígio artístico desta cidade.

As obras dos telefones

O MELHOR CAFÉ É O DA BRASILEIRA

do «com espanto» que não tinha conta o número de soldados desconhecidos — muitos deles catalogados como heróis pelo inimigo — que se achou lógico e justo prestar homenagem ao soldado desconhecido.
Por tódá a parte lhe fizeram homenagens e se ergueram monumentos a esses homens que passaram a vida a construir o futuro enquanto outros se eternizam a alinhavar o passado.
Desculpe-me, sr. Director, ter «resuscitado» nessa simpática Guimarães mas pareceu-me melhor regressar do entêrro e mostrar ao sr. A. Pimenta que não se enterra facilmente um homem que «não é nada».
A. de Sousa Gomes.

A MENSAGEM DO CHEFE DO ESTADO

Na sessão da Assembleia Nacional realizada no passado dia 9 e convocada pelo Conselho do Estado, foi lida a seguinte Mensagem do Senhor Presidente da República:

Senhor Presidente da Assembleia Nacional: — Tendo concluído a minha segunda visita às províncias portuguesas do Ultramar, pareceu-me conveniente levar ao conhecimento do País por intermédio da Assembleia Nacional os fins da viagem e o significado das manifestações que em todo o seu decurso se produziram.
Como tive ocasião de dizer quando do regresso da primeira viagem, as visitas às Províncias do Continente Africano, tiveram seu começo depois de conquistada a paz interna, fortalecida a disciplina, aperfeiçoados os serviços de administração pública, criada uma ordem financeira segura, realizados importantes trabalhos que revelam decisivo progresso material, definidos novos princípios do Estado e da organização constitucional e elevado o prestígio do País ao justo lugar que lhe compete na comunidade dos povos. Este conjunto de realizações devia ser o primeiro objectivo do Governo até mesmo porque, certo de ter atingido, a Nação não poderia continuar, com plena certeza de êxito, o seu destino imperial.

A nossa missão colonizadora

Mas a missão colonizadora constitui hoje como há séculos a vocação natural dos portugueses e por isso deveria ser afirmada com relêvo e com decisão logo que as circunstâncias o permitissem. Isto mesmo se acha consignado nas próprias leis constitucionais que definem o Estado como instrumento da vida e prosperidade da Nação e dão como fim a esta mais do que a sua prosperidade material aquela missão apostolizadora que graduou Portugal em primeiro lugar entre os povos que têm civilizado o mundo. Tam grande objectivo exige a mobilização de tódas as forças morais da nação, e sobretudo a dos portugueses das nossas Províncias de Além-Mar.
Com as viagens deste ano e do ano passado não pretendi lembrar-lhes a necessidade de um esforço que prestam por natural tendência, mas afirmar que todos estamos integrados na consciência da função civilizadora que Portugal desempenha no mundo e que ela iria dora-avante ocupar o primeiro plano da obra governativa. E devo dizer aqui com grande contentamento que os portugueses das Províncias Ultramarinas adivinharam sempre o profundo sentido da minha visita, porque, creio-o firmemente, não poderão ser excedidas nem a impressionante grandeza das manifestações, nem o vibrante patriotismo das afirmações feitas pelos que na obra da colonização ocupam o primeiro lugar.

E profundamente sensibilizado que recorro os momentos que vivi com esses portugueses — todos nós irmãos do mesmo amor à Pátria comum, sem distinção de raças, de crenças ou de condições sociais — pois senti bem que nas aclamações ao Chefe do Estado era aclamada a unidade imperial da Pátria Portuguesa.

Recordo também com orgulho a grandeza da obra levada a cabo nos nossos domínios ultramarinos, e que revela métodos originaes de colonização e o sentido elevado e humano da nossa política de assimilação, pois de outra sorte ficaria inexplicável a sentida dedicação dos povos indígenas e até a justiça prestada pelos estrangeiros à nossa hospitalidade.

A visita à União Sul-Africana

Quero também exprimir perante os representantes da Nação que me foi particularmente grato o convite de Sua Majestade o rei Jorge para visitar a União da África do Sul, nação vizinha e amiga com que mantemos as afectuosas relações criadas há séculos com a Grã-Bretanha. Foi na Europa que se firmou a secular aliança entre Portugal e a Grã-Bretanha; mas é em África que existe a vizinhança de territórios, que são parte integrante da Pátria Portuguesa e da comunidade britânica.

Na União fui recebido com a mais cordeal hospitalidade e a tive ocasião de afirmar a fidelidade de Portugal às amizades tradicionais e ao mesmo tempo de enunciar o propósito de uma cooperação estreita nas tarefas comuns a realizar no Continente Africano. As afirmações que ouvi aos homens de Estado da União permitem-me dizer que foi compreendido o meu intuito e que o mesmo propósito existe em sua consciência.

Não quero também deixar de referir as agradáveis visitas que recebi dos Senhores Governadores Gerais de Madagascar, em Lourenço Marques, da Rodésia do Sul, da Rodésia do Norte e da Niasaland, na Beira, do Congo Belga e da África Equatorial Francesa, em Luanda, pois as tomei por testemunhos de apreço pela forma como sabemos cumprir os nossos deveres de boa vizinhança.

A eclosão do conflito europeu

Quando regressava ao Continente recebia a notícia do conflito entre várias das grandes Nações da Europa. Esta notícia comoveu-me profundamente não só pelas enormes perdas que o conflito vai causar, mas porque agrava muito as condições já difíceis de tódas as outras nações.

Embora não se entregue todo o destino do mundo a forças indomáveis, chega a parecer que uma fatalidade o domina porque a pesar de os destinos das nações estarem confiados a homens de mérito excepcional, a pesar dos esforços do Sumo Pontífice e de muitos Chefes de Estado do nosso e de outros continentes, para a solução pacífica das questões existentes, não foi possível evitar a eclosão da catástrofe. Penso que à Europa não sobram nem forças, nem riquezas para cuidar de si e que só na paz, o esforço humano consegue libertar o homem das exigências imperiosas da natureza. O nosso país, embora em nada haja contribuído para tão grande calamidade, e ao contrário tenha procurado ser elemento de paz social, começando por se organizar a si próprio depois de grande crise sem auxílio de ninguém e não dando preocupações aos outros, sente ensoberbarem-se-lhe os horizontes com a gravidade do mal. Além das razões comuns a tódas as nações que fazem parte da comunidade europeia, há para nós, embora estranhos ao conflito, a razão especial de se encontrar envolvida nêla a Inglaterra, nossa aliada de séculos, por aliança que não tem semelhança nos tempos, e à qual fiéis à nossa História e ao espírito da nossa gente, timbramos em guardar a amizade nestas horas difíceis e perturbadas.
Seja qual for a evolução dos acontecimentos, continuaremos afirmando o nosso sincero desejo de que todos os conflitos se resolvam dentro do espírito do direito e da justiça, e também a necessidade de manter o prestígio do espírito europeu que foi o criador da civilização e é o seu mais alto garante.

O Presidente do Conselho foi-me informando a cada momento da crise e da forma do seu desenvolvimento. As declarações feitas e as providências tomadas correspondem ao meu pensamento e creio serem as mais adequadas às circunstâncias e aos interesses da Nação. Mas não quero concluir sem chamar a atenção do país para a gravidade dos acontecimentos e para a necessidade de serem ouvidas as sugestões governativas e aceite de boamente tudo o que for ordenado, quaisquer que sejam os sacrifícios exigidos, porque nem se exigirá que não seja necessário à defesa da Nação e ao bem estar dos cidadãos.

Horas bárbaras

VI

Estas leveirinhas notas (devemos, como entre parêntese, esclarecê-lo), saíram — começadas a escrever, logo nos primeiros angustiosos minutos, a seguir ao conhecimento da invasão da Polónia pela Alemanha — como da imediata e espontânea indignação, que essa arremetida nos despertara, veemente e profunda. Era nosso dever de homens, conscientes das suas responsabilidades de inteligência e de coração — inteligência ao menos prevenida em já longo trato das questões sociais, e no meditado estudo de alguns dos seus aspectos; e coração malmente experimentado em muitos lances da vida particular e pública. Em tal momento, a receita, célebre e repetida, do homem de letras do século XVIII («un cuistre», como justamente o denominaram muitos dos seus conterrâneos), de que a pacífica indiferença é a maior das virtudes («une paisible indifférence est la plus sage des vertus»), seria conselho de pusillânime hipocrisia, se não de ignóbil e criminoso assentimento. Não é, por desgraça, impunemente, para tódá a comunidade humana; não é sem funda repercussão em tódá a vida europeia, que semelhantes actos se deliberam e conseguem perpetrar-se, por mais distantes que estejam do campo do morticínio devastador — que outra coisa não foi a luta da mecânica com o heroísmo, vencido pelo esmigalhamento — e por mais neutrais e alheios, simpatizantes ou antipatizantes, com os povos em conflagração.

Mas, cientes dessa própria responsabilidade, acutelamos, logo também, sem prejuízo do nosso pensamento — que se não arrequeia, por ser honesto de intenções, e puro da mácula de qualquer outro designio político, que não seja o da obrigação humana e da dignidade oficial, do the cat of nine tails —, os impulsos da sentimentalidade explosiva e fácil, ou o simples escreverhinha facundo e corredio, talvez agradável a certos paladares, mas indecoroso e simplesmente fútil. E assim, sem qualquer premeditação inicial, nem plano sequer esboçado, fomos indo à recordação histórica de certa época, em que não só vamos encontrar os mesmos povos, hoje em luta, mas os vamos encontrar movidos de profundas inquietações, em que há, porventura, com as do nosso tempo, na agência de vários fenómenos determinantes e de alguns factores predispositivos, curiosas afinidades — através a leitura do livro de viagem da *Baronesa Blaze de Bury*. Essa viagem foi como de inspecção e consulta a vizinhos países da Europa, onde se havia reflectido, no dizer da escritora (que não é exacto, aliás, pois todos enfermavam do mesmo mal geral, e cada um do seu peculiar), o movimento revolucionário francês de 1848. Este, de há muito vinha a ser previsto. De Paris, em Julho de 1842, escrevia *Henri Heine* temer uma conflagração horrível e tempestuosa, que envolvesse a França, a Alemanha, a Inglaterra e a Rússia (?). Enganou-se, mas, de facto, de 1846 a 1848 deram-se factos e desenrolaram-se acontecimentos que modificaram grandemente a situação internacional da Europa, como, e isso não menos importa, se levantaram problemas, que se não resolveram então, e que, embora modificados, perduraram, e deram origem a nova se sucessivas conflagrações, mais reduzidas ou mais vastas. Vimos o estado moral da Alemanha. Em Viena, a terra fina da música e da valsa — *Noch à Tanzer! Noch à Tanzer!* —, indiferente e altiva (uma das qualidades do Austriaco que mais impressionou a escritora foi a sua indiferença perante as deslealdades, de que era vítima), em consequência de movimentos convulsivos, o Imperador abdica em seu sobrinho o Arquiduque Francisco José: *Meine Jugend ist hin*, a minha mocidade morreu, exclama êste, com os olhos em lágrimas. E, como na França estava proclamada a Segunda República, a de *Lamartine* (?), a Itália renova, impaciente e frenética, as suas acarinhadas aspirações de consolidação e independência. São os dias de glória de *Pio IX* e *Carlos Alberto*, são os dias de martírio de *Carlos Alberto* e de *Pio IX*. Duas correntes ideológicas predominavam, feriam o cunho da época — a consolidação das nacionalidades, por agrupamentos étnicos independentes ou quanto possível equilibrados, e, internamente, a melhoria das condições de vida social, que, então, se esperava das formas constitucionais, com a sucessiva libertação das classes ainda escravizadas. E a Polónia?

(1) Cartas para a *Gazeta de Augsburg*, reünidas, depois, no volume *Lutèce*. *Heine*, alemão, era sincero amigo da França; como *Renan*, francês, era sincero amigo da Alemanha.

(2) Uma das causas principais da agitação da Assembleia Francesa de 1847 foi a anexação da República de Cracóvia, «último vestígio da nacionalidade polaca», à Austria. Era a suprema aspiração do Imperador da Rússia, a que, até então, se tinham recusado ou hesitado em colaborar a Prússia e a Austria; com receio dos protestos da França e da Inglaterra. Mas Lord Palmerston anuiu, e por uma convenção a Polónia era partilhada entre aqueles três Estados. *Thiers* exclamava no Parlamento: «Diz-se que somos nós que agitamos o mundo há cinquenta anos... há mais de trezentos anos! Sim, somos esses grandes criminosos que tem proclamado, com *Descartes*, a liberdade de pensar; que tem proclamado, com *Bossuet*, a independência da Igreja; que, com *Montesquieu* e *Voltaire*, têm restituído os seus direitos ao género humano».

Orfeão de Guimarães

Sob a direcção dos distintos professores de música, srs. Filinto Nina e António Guise, devem recomençar na próxima semana os ensaios do nosso apreciado grupo coral.

Bom é que os srs. orfeonistas acompanhem os ensaios com tódá a assiduidade.

V á r i a

O «Peixe-Diabo»

As páginas, que vamos traduzir, em versão descuidada e livre, pois nos falta o tempo, além da competência, para melhor, formam um capítulo do livro notável — e, julgamos, entre nós pouco conhecido — de *Franck T. Bullen — Idílios no Mar*, que conhecemos no texto francês de *Al. Savine*. O célebre *Rudyard Kipling*, nas duas palavras do prefácio, que são dirigidas ao autor, declara, maravilhado — é imenso: «não há outra palavra.»

«Não é por certo a nota menos curiosa, nem menos digna de registo, dos povos primitivos, que subsistem ainda, a unanimidade com que atribuem ao Diabo todas as coisas inquietantes e todas aquelas que escapam à sua compreensão. Não se trata de um diabo, de certa unidade da fante, mas propriamente do Diabo, o amo e senhor de todos os fenômenos terríveis, incompreensíveis, cruéis.

Muitos escritores eminentes enriqueceram a literatura com investigações sobre essa universal preocupação, de maneira que bem pode dizer-se que o assunto é caminho já muito trilhado, e que apenas o indicamos, de passagem, como uma das razões do epíteto, que figura no título do presente capítulo. Bem fácil é de admitir-se que a gente do mar, até das nações de alta cultura, conservem mais persistentemente do que qualquer outra classe da população, os hábitos de pensamento e de linguagem, transmitidos do passado. Nem devemos estranhar-lo porque em todos nós, mesmo os mais desprovidos de imaginação, o eterno mistério do Oceano exerce tal influência que sempre nos faz vibrar em sensação nova, quando entramos em relação pessoal e íntima com ele. Mas, sobretudo os homens, cujo pão quotidiano depende da luta contínua com as forças poderosas do mar: aqueles que se familiarizaram com muitas das nossas maravilhas, saturados da pesada solidão, que é a principal característica do mar, se encontram, no decurso da profissão, de súbito, em contacto com certo visitante, raramente visto, de terrível aspecto, que surge dos sombrios abismos desconhecidos, de comum acordo lhe dão o nome de peixe-diabo, e a alcunha pegou de vez. De modo que não há uma só espécie de peixe-diabo, mas várias, peculiares às várias partes do mundo, que inspiram terror no coração dos marinheiros de muitas nações.

Quando ao peixe-diabo, de que, entre nós, mais ouvimos falar, esse, cujos traços inesquecíveis foram magistralmente pintados por *Victor Hugo*, o polvo, já tanto se esqueceu e disse que bastará mencioná-lo. Aprentam, todavia, os Cefalópodos tal variedade que não é leal mencionar exclusivamente o polvo, e esse não é dos peixes, e não aludir ao *Onychoteuthis* do mar profundo não falando já das numerosíssimas polpas, intermédias. Desde o enorme molusco, que mencionamos agora, e que os marinheiros, não sem razão, encaram como o maior peixe do Oceano, até ao pequenino choco, que serve de alimento a quasi todos os peixes da água funda, a fealdade é um carácter predominante, e certos, das espécies maiores, têm realmente um aspecto atemorizante: a voracidade omnívora torna-os em verdadeiras latrinas do mar, onde tudo, vivo ou morto, se pode despejar. E sem por forma alguma querer depreciar os direitos do polvo à sua diabólica fama, fundada na sua feiura viscosa e na sua insaciável ferocidade, sempre quero dizer algo sobre aquele horror, pouco conhecido, das profundezas do mar, o choco, armado de dez dedos, que, à semelhança das crições dos cérebros doentes, se enrola nos negros e silenciosos abismos do Oceano, estendendo sobre imensa região os seus tentáculos de longo alcance, não tocando objecto algum sem a ele aderir, com um laço que se não deslacha senão quando a vítima está bem segura nas tenazes das mandíbulas do bico de papagaio, que serve de entrada ao vasto estomago, sempre insatisfeito. Tudo quanto a imaginação doentia do homem figurou não ultrapassa em aspecto horrível a realidade que é esta cruel quimera, que, todavia, exerce importante função na misteriosa economia do mar.

«Habitua na espessa obscuridade», porque, como se lhe não bastassem as trevas naturais do seu refúgio, espalha à sua volta uma névoa de sépia, que estontea e cega as vítimas, então presas sem defesa contra os tentáculos infatigáveis, que serpenteiam na vasa, prontos, ao primeiro contacto, a apanhar qualquer objecto, pequeno ou grande, que lhe esteja ao alcance. O mais estranho, sobre este poderoso molusco, é que, a-pesar-das numerosas alusões que lhe são feitas desde a mais antiga literatura, só recentemente a ciência moderna aceitou o simples facto da sua existência. Mas produziram-se, nestes últimos tempos (!), provas tão incontestáveis e em tão grande número, quer a propósito do tamanho, quer da estrutura deste polvo gigantesco, que ficou afinal colocado entre as realidades da história natural, com lugar tam definido como o elefante ou o tigre.

Ficou também estabelecido de maneira segura que o cachalote (*Physeter macrocephalus*) alimenta-se prin-

GAZETILHA

No começo da Avenida, aquela madeira erguida anda-me cá a enjorar; parece «coisa encantada», pois a maldita empanada não abandona o lugar.

Quando aquilo se «prantou» toda a gente futurou que algum prédio se ia erguer; eu também assim pensei, mas já há muito que sei que só foi p'ra inglês ver...

A madeira pôs-se ali, é verdade porque eu vi, há já muitíssimo tempo; pois meninos, hão-de ver que ela vai apodrecer sem «nacer» o monumento...

Mas isso já vai da sorte, cada qual que se conforte com o que tiver de ser; aquele pobre lugar teve sempre tanto azar, que é mesmo de entristecer.

Houve ali um pardieiro, miserável esterqueiro, que a Imprensa fez demolir; agora é como se vê, e ninguém faz a mercê do «caniço» destruir.

Quem isso possa fazer aqui lhe passo a dizer que merece parabéns: — Isto aqui nunca foi roça, basta, pois, de fazer troça, de amesquinhar Guimarães.

BELGATOUR.

Curso de Francês

Teórico e Prático

por

ALBERTO LEITE

Diplomado pela Universidade de Bordeaux

Informa casa Ferreira da Cunha-Toural

(136)

Principalmente, senão exclusivamente, destas enormes massas gelatinosas, quando percorre as profundidades médias do Oceano, e que sua aparição à superfície do mar é geralmente devida aos ataques dessa baleia.

(1) Desconhecemos a data da primeira edição. A carta de *Kipling* tem a data de 22-Novembro 1898. E' de creír que o livro fosse editado nesse ano de 1898.

De Victor Hugo:

A curiosidade é uma das formas da bravura feminina. Na guerra civil deve ter-se sempre no bolso uma chave falsa. A qualidade de uma guerra julga-se pela quantidade do mal que ela produz. — Estar dentro da lei, estar fora da lei — o que significa? Morrer de fome é estar fora da lei? — Desde quando morreis vós de fome? — Desde que nasci.

O fumo, a cor e a grossura do fumo, marca toda a diferença entre a paz e a guerra, entre a fraternidade e o ódio, entre a hospitalidade e o sepulcro, entre a vida e a morte. O fumo que se eleva por meio das árvores, pode significar o que há de mais encantador no mundo: o lar; ou o que há de mais terrível: o incêndio — e toda a felicidade como toda a desgraça do homem estão por vezes nesta coisa esparsa ao vento.

Falar uma língua morta é obrigar o pensamento a viver num túmulo. Todas as felicidades, ainda a terrível felicidade, pertencem aos novos: a vitória é feminina.

O acordar das crianças é como o abrir das flores: parece que o perfume se exala de suas almas frescas.

O baluciar da criança é mais e é menos do que a fala — não são ainda notas — e já é um cântico; não são sílabas — e é uma língua.

Tem o bérço um Passado, sobre tem um futuro o túmulo.

A mulher desgraçada é mais infeliz do que o homem desgraçado, porque é instrumento de prazer.

As mulheres são fracas, mas as mais são fortes. Só às mais é dado esse grito de inexprimível angústia. Nada mais bárbaro, nada mais tocante. Quando a mulher o solta, parece-nos ouvir uma loba; quando a loba o profere, parece-nos ouvir uma mulher.

Quadra de um poeta espanhol do Século XVII:

Nada es verdad ni mentira En el mundo del amor; Todo es según el color Del cristal con que se mira.

Para ter sorte na vida mais vale saber dizer duas palavrinhas à amante do Rei, do que escrever cem volumes. A sociedade tem sempre as suas leis... a não ser que seja a do lobo e a do cordeiro.

Voltaire.

Géneros agrícolas

Têm lenta, e capciosamente encarecido os géneros agrícolas, o que está a dificultar a vida da classe pobre e da classe média, nomeadamente o funcionalismo.

Batas a doze escudos a arrôba; milho a quinze escudos os vinte litros; castanha a cento e cinquenta centavos o quilo; azeite mais caro, etc., etc., etc. Vamos por muito mau caminho, e não julgue ninguém que passa sobre a palavra de Salazar.

Num ano de milho como este, e sem que tenham aumentado as contribuições, não há direito de estar a vender o milho, em Guimarães, a quinze escudos os vinte litros, quando num concelho confirm, a Póvoa de Lanhoso, se está a vender a doze escudos.

O aumento de 50% ao preço da batata, do ano que passou para este, também se não justifica, pois a produção deste ano foi de 90% da produção do ano de 1938.

Azeite não deve aumentar, pois estamos ainda com depósitos suficientes para o gasto deste ano, e às portas duma produção excepcional do género.

Vão tabelar-se os géneros de mercearia, e porque motivo se não tabelam, desde já, os géneros agrícolas?

Por último diremos que os açambarcadores continuam a trabalhar activamente dentro do concelho de Guimarães, nomeadamente na compra de batata, cebola, milho e outros géneros.

Com vista à digníssima autoridade administrativa.

PARQUE DO CASTELO

O sr. Presidente da Câmara continua a dar todas as facilidades para que se desenvolvam as obras do nosso grandioso Parque, que ficará sendo, sem dúvida, o mais rico e original do país.

Já começaram a ser demolidas as casas ao alto do largo de Martins Sarmiento, que foram propriedade do sr. dr. José da Mota Prego e farão a entrada do Parque, bem como se está a proceder à demolição do muro da parte superior do quintal do Asilo de Santa Estefânia, para ser construída a ampla avenida que circundará os nobres Paços dos Duques de Bragança.

Resta comprar, o que se torna indispensável, a casa de residência da família do sr. Padre António Ribeiro, frente do Castelo de Guimarães.

O Parque, pois, será em breve um facto, para o que muito tem contribuído a Câmara e o sr. Engenheiro Baltazar de Castro.

Frontão da Oliveira

Continua a encher-se de ervas esta formosíssima obra de arte e venerando monumento, que recorda uma das mais fulgurantes páginas da história pátria.

Bom seria que a Direcção dos Edifícios e Monumentos Nacionais concedesse, anualmente, à Câmara Municipal de Guimarães, uma verba, de alguns simples centos de escudos, de modo a conservarem-se sempre limpos os muitos Monumentos Nacionais desta cidade e concelho: Castelo, Igreja de S. Miguel, Oliveira, padrão dos Pombais, S. Francisco, Serzedêlo, etc., etc.

Para prestígio da educação dos portugueses. Mas o Frontão da Oliveira é que não pode esperar muito mais tempo.

Acarinhar Guimarães é dever de todos os seus filhos.

Criticas Pequenas

Há tantos paradoxos nesta Vida!

Poucas vezes temos ensejo de ver a prosa esquipática de *Brás Burity* e bem raro é agüentar-lhe todo o pretenciosismo até ao fim.

Quando lêmos os estudos de *Arlindo Monteiro*, uma corrente de simpatia nos sacode os nervos num frenesi de prazer, e não sabemos que admirar mais, se o equilíbrio e argúcia do Pensador, se a sobriedade e perfeição do Escritor.

Pois nas Homenagens a *Ricardo Jorge*, aquele entusiasmo ardente com que nos saciou *Brás Burity*, esse entusiasmo arrefeceu bastante ao vermos a separata da *Revista PETRUS NOVIUS, Prof. Ricardo Jorge — Invocação do seu perfil austero e do Historiador das Ciências*, por *Arlindo Camilo Monteiro*.

Como explicar tal paradoxo? *Brás Burity*, admirador sereno de *Ricardo Jorge*, pôde arrancar do seu pincel as mais vivas cores para a grinalda com que tam altamente honrou o Mestre do Saber e do Dizer.

Arlindo Monteiro, cansado pelas fadigas do fascículo em preparação, surpreendido pela morte inesperada do seu *Braço Direito*, ficou todo êle, de alma e coração, lacerado e compungido.

Em tal estado e sobrecarregado de tam excessivo labor, compreende-se que a sua Homenagem, interessante sobretudo pela feição histórica e critica que a domina, não nos pareça a toda a altura dos seus providíssimos dotes de Publicista e de Literato.

Bem nos diz o rifão: — O cantar querê hora.

G.

Andorinhas que partem...

(à S., alma sempre jovial)

Boémias mensageiras do amor e da alegria — as andorinhas abandonaram há pouco seus amorosos ninhos...

Partiram mais, mas não partiram todas as que vieram... Partiram mais, mas não partiram todas as que a maternal quentura gerara e dera à vida...

A maldade humana, a electricidade, a inconstância do tempo — fere de morte umas, fulmina, adoenta outras, para sempre lhes paralisando seus alados vãos...

A nós, causa-nos pena, entristece-nos a alma vê-las partir, deixando os pátrios beirais a que durante meses, e em todos os anos, se acolheram e acolhem...

E causa-nos pena, e entristece-nos a alma porque, vendo-as partir, sentimos que o inverno se aproxima e dentro de pouco a Natureza se despirá das folhagens verde-douradas e deixará de noivar engrinaldada de flores perfumosas, alacreantes...

E causa-nos pena, e entristece-nos a alma vê as andorinhas partir assim, aos bandos, demandando terras distantes na incerteza de incerta vida...

Sim, porque infelizmente na terra inteira, em toda a terra, a maldade humana, a electricidade, a inconstância do tempo, as fere de morte a elas, as andorinhas, meigas avezinhas do Céu que não deveriam morrer! — para que, multiplicando-se ainda mais e mais, perenemente enchessem de alegria as almas, todas as almas, e a vida fosse na terra inteira, em toda a terra, uma eterna sinfonia primaveril de Amor e de Beleza!...

Outono — 1939.

Alberto de Macedo.

Farpas

Sobre os centenários

Vai-se aproximando a época fixada para a comemoração dos centenários da fundação e da restauração de Portugal.

Já aqui sublinhamos o alto significado dessas comemorações.

Há povos que tem sofrido, através dos séculos, as contingências do poderio dos seus vizinhos.

Hoje vivendo livres na pátria livre, amanhã vivendo captivos na pátria captiva, são como facho de luz deslumbradora que se ergue resplandecente, mas que o vendaval do infortúnio dispersa e converte em cinzas. Porém nesses vendavais do infortúnio conservam a chama quente da fé junto dos seus corações patriotas, e novos lampejos de luz voltam a erguer-se das cinzas de um passado inextinguível.

Com a nossa Pátria, com Portugal não tem acontecido assim.

Pelo esforço dos nossos Reis, pela virtude imaculada da Monarquia, Portugal cobriu-se de glória desde os Campos de S. Mamede às praias dos Algarves. E depois, ainda por esforço dos nossos Reis e pela sua inclita geração, fomos às terras ardentes de Marrocos, ao Algarve de além-mar, aos longes da Índia e às terras de Santa Cruz.

Assegurada a nossa unidade territorial nem após o desastre glorioso de Alcácer ela se perdeu ou dispersou na dominação legítima dos Filipes, porque logo após, ao proclamar-se a dinastia gloriosa e ainda felizmente não extinta dos Braganças — porque D. Manuel II não foi o último Rei de Portugal, — a unidade territorial do continente manteve-se inalterável e inalterável tem vindo até nossos dias.

E' legítimo, pois, o nosso orgulho de portugueses livres, ao comemorar dois factos notáveis da nossa História incomparável e é ainda legítimo o nosso brio de vimeanenses erguendo bem alto na terra que é dia primeiro de Portugal, o estandarte do Conquistador, elo de uma cadeia forte que a acção dos séculos tem conservado e que une o nosso passado de glória ao nosso futuro de esperança.

São João das Caldas, 11 de Outubro de 1939.

X. X.

Agradecimento

O abaixo assinado procurou agradecer a todas as Ex.ªs pessoas e organismos que o honraram com os seus obsequios e felicitações por ocasião das suas Bodas de ouro sacerdotais, julgando que apenas a três (uma porque assinou somente com umas iniciais, que não sabe a quem se referem, e duas por falta de enderço que não conseguiu obter) deixou de fazê-lo.

Podendo, porém, ter-se dado qualquer omissão involuntária vem por esta forma tornar pública a sua indelevel gratidão, a todos assegurando que jamais se esquecerá de os lembrar nas suas orações de todos os dias. E só agora cumpre este indeclinável dever porque as suas ocupações profissionais lhe não permitiram concluir mais cedo as centenas de agradecimentos que teve de fazer.

Guimarães, 12 de Outubro de 1939.

138 Mons. João António Ribeiro.

Orfeão de Guimarães

Assembleia Geral Extraordinária

Convocação

São convidados os srs. associados a reunirem-se em Assembleia Geral Extraordinária, no próximo dia 15 do corrente, pelas 22 horas, na Sede deste organismo, para se discutir assento de muita importância para a vida deste Orfeão.

Não comparecendo a esta reunião número legal de sócios, fica a mesma transferida para o dia 18, há mesma hora e local acima designado.

Guimarães, 11 de Outubro de 1939.

O Presidente da Assembleia Geral, Augusto José Borges de Sá.

Novamente em luta

O «Vitória» de Guimarães, Campeão do Minho, título que muito honradamente soube conquistar, entrou novamente em luta e dizem-me que animado da melhor boa vontade de continuar a prestar o seu concurso para tudo aquilo que diga respeito ao engrandecimento do nome de Guimarães e do seu prestígio. Outra coisa não seria de esperar a quem já assim tem procedido em anos anteriores, conforme se tem verificado. Sucede, porém, que do Grupo fazem parte novos elementos — segundo o que também ouço dizer — e é atendendo a essa circunstância que os desportistas vimaranenses estão na expectativa quanto ao resultado final, uma vez que essas novas energias podem valorizar ainda mais a finalidade da luta do Campeonato em disputa. Nesse sentido estão empenhados os dirigentes do Club e oxalá que assim aconteça. E agora, que vem a propósito, permitam-me os jogadores do Vitória de Guimarães e, bem assim, todos os desportistas vimaranenses que eu — a-pesar-de ser uma autêntica nulidade em matéria de Foot-ball — não fique mudo perante o início de mais uma luta que dará lugar a uma vitória tanto mais digna quanto mais leal e correcto fôr o procedimento dos jogadores e o da assistência. Sem essa característica, o campeonato não despertará aquele interesse que lhe deve ser atribuído, porque o facto de se fazer desporto que redunde em zaragatas ou quaisquer outras contrariedades altamente desagradáveis não interessa nem mesmo convém. E' certo que o Vitória de Guimarães se tem mantido dentro de uma orientação que se ajusta a todas as normas ou preceitos da boa educação e da boa correcção. Integrados no papel de verdadeiros desportistas, os jogadores vimaranenses não têm comprometido o nome da terra nem o prestígio do Grupo de que são valiosos componentes e se uma vez por outra a sua conduta tem sofrido uns ligeiros deslises, isso se deve à força das circunstâncias, motivada esta por desorientadas provocações que no decorrer de alguns jogos se têm verificado por parte de alguns contendores, facto por vezes agravado com o inqualificável procedimento de uma pequena parte da assistência, aquela que não está à altura de assistir com educada tranquilidade a desportos de semelhante natureza.

E neste ponto, não posso deixar de condenar certas atitudes tomadas por algumas pessoas de Guimarães, mas somente por parte daquelas que mais ignoram os conhecimentos que devem ter dos princípios rudimentares de uma educação pelo menos regular. A simpatia que cada pessoa possa ter pelos bons resultados dos jogos do Vitória não pode, de forma alguma, manifestar-se por meio de inconvenientes e inoportunas atitudes, que apenas concorrem para contrariar todas as outras pessoas às quais esses actos repugnam e que em Guimarães representam uma maioria quasi absoluta. Pelo facto de em algumas outras terras se encontrar misturado o trigo com o jório, isso não é motivo para se proceder da mesma forma, como, aliás, não se tem procedido nesta terra. Como digo, há somente umas pequenas coisas a evitar e elas uma vez evitadas Guimarães poderá apresentar-se como terra exemplar no desporto do Foot-ball, quer no que se refere a jogadores, quer quanto a assistência.

E se os Vimeanenses, sem excepção, se compenetrarem desse dever, poder-se-ão ufanar de dar um exemplo de dignificante significado — aquele

O açambarcamento

A Imprensa diária e não diária fala continuamente de casos de açambarcamento, assunto que entrou em activa ordem do dia após o primeiro dia de guerra, ou seja depois do dia um do mês de Setembro findo.

Esse facto é o reflexo da acção repelente e criminosa dessa maldita corja dos açambarcadores, que, sem respeito algum pelo seu semelhante e mesmo pelas providências tomadas pelo Governo, procuram, por todas as formas e feitiços, pôr em prática as suas desequilibradas intenções, espalhando a miséria com o fim de encherem ao máximo o seu cofre maquiavélico e ganancioso. E são muitos esses malandros que não sentem repugnância ao baterem no peito sob o rótulo de católicos nem sentem remorsos quando apertam as mãos honradas de pessoas de bem.

Eles, que andam só com os pés por descuido da Natureza, deviam sentir-se vexados com as suas acções de autênticos criminosos e deviam, também, cõr de vergonha perante a campanha de revolta que de Norte a Sul do País se levantam contra tam prejudicial *formigueiro* de malfetores. Mas não. Nem vergonha, nem arrependimento, nem nada, enfim, que os convença a mudar de procedimento. Uma vez que entraram no caminho das suas desvaídas ambições, nada os comove, nada os convence. Passando por cima de tudo e de todos e inclusivamente por cima das leis que lhes proíbem terminantemente a missão de açambarcar, a sua petulância e a sua pouca vergonha a nada se demovem.

São feras mais selvagens do que aquelas que vivem em bosques ou metidos em jaulas e sem qualidades de se tornarem incapazes de praticar o mal. E é exactamente por isso que a Imprensa vem relatando dia a dia casos de açambarcamento e assim como as conseqüências das providências tomadas pelo Poder Central.

Que sentimentos miseráveis os dessa pseudo-gente! Dominados pela estúpida ambição da riqueza, não desistem de continuar a satisfazer a cegueira dos seus apetites deshumanos. Bem haja, pois, o Governo por continuar a perseguir esses bandidos!

X.

Na 4.ª página a Crónica Desportiva

que ensina a praticar o desporto tal qual êle deve ser praticado e compreendido. Quem jogar precisa de saber vencer ou perder, isto é, em qualquer dos casos precisa de usar de prudência, porque, caso contrário, a vitória perderá uma parte importante do seu valor e a derrota, quando legal, e, portanto, justamente sofrida, não é mais do que uma lição para satisfazer melhor em futuras demonstrações de inteligência e de competência. Que re dizer: Entre vencidos e vencedores deve haver sempre perfeita e amigável harmonia, tanto mais que a bola tem as suas surpresas e é muitas vezes ligeiras considerações, resta-me pedir o seguinte: Que os jogadores e assistência vimaransense considerem o desporto do Foot-ball como factor do desenvolvimento físico e ao mesmo tempo como demonstração segura e firme do edificante exemplo de uma esmerada educação e invulgar correcção. Sendo assim, o nome glorioso de Guimarães será cada vez mais exaltado.

Zé da Aldeia.

Um importante decreto

O crime de açambarcamento será punido, em caso de reincidência, com desterro até seis anos e prisão no lugar do desterro

Pela pasta da Justiça vai ser publicado um decreto considerando que comete o crime de açambarcamento o produtor ou comerciante que ocultar as suas existências de mercadorias ou produtos ou que se recuse a vendê-los, segundo os usos normais da actividade agrícola, industrial ou comercial e ao preço corrente do mercado. Equipara-se à recusa o encerramento voluntário do estabelecimento, com o fim de exigir à venda a respectiva existência.

O não levantamento por qualquer industrial ou comerciante, no prazo de 5 dias, das mercadorias que lhes forem consignadas e derem entrada nas estações de caminhos de ferro do território nacional e no prazo indicado pelo ministro do Comércio e Indústria e das que derem entrada nas alfândegas.

A falta de exposição, nas condições usuais, no estabelecimento retalhista, dos géneros ou produtos de consumo e bem assim a falta de afixação em lugar bem visível ao público nesse mesmo estabelecimento, de uma relação com menção dos preços das mercadorias de venda corrente, que constarem de uma lista elaborada pelo ministro do Comércio e Indústria.

A falta de afixação de etiquetas de preços, contrariamente à determinação dos organismos corporativos competentes.

As penas de açambarcamento serão aplicadas a multa do triplo ou quadruplo do valor da existência da mercadoria escondida ou recusada, mas nunca inferior a 500 escudos, tratando-se de pequenos produtores ou comerciantes e de 5.000 escudos nos outros casos e as existências açambarcadas apreendidas e vendidas extrajudicialmente, nos termos do artigo 884.º e seguintes do Código do Processo Civil, revertendo o produto em benefício da Direcção Geral da Assistência.

Na reincidência, além da pena de multa, o infractor será punido com a pena de desterro de 6 meses a 6 anos, em localidade do continente ou do ultramar, com prisão no lugar do desterro, de dois meses a dois anos, e interdição pelo mesmo período para o infractor comerciante ou industrial do exercício directo ou por interposta pessoa do comércio ou indústria, sendo, além disso, eliminado dos organismos corporativos de que fizer parte em virtude da sua profissão.

Não incorre em responsabilidade criminal:

1.º — O produtor que recuse a venda com relação somente às quantidades indispensáveis à satisfação das necessidades do seu abastecimento anual e às existências normais da sua produção durante o ano.

2.º — O pequeno produtor agrícola que recuse a venda das reservas que conforme os usos locais costuma fazer para obtenção, no decurso do ano, das importâncias necessárias à sua sustentação.

3.º — O comerciante que se recuse a vender mercadorias em quantidade tal que prejudique a justa repartição entre a sua clientela ou que esteja em manifesta desproporção com as necessidades normais do consumo usual do comprador.

A pena de multa será substituída pela de prisão à razão de 20\$00 por dia, quando a multa não for paga voluntariamente, no prazo de 10 dias, contados do trânsito em julgado da decisão condenatória ou não for suficiente o produto dos bens para julgamento integral, mas nunca podendo o tempo de prisão exceder a dois anos.

A prisão em que for convertida a multa imposta, se não for paga, será cumprida, findo o tempo de prisão, no lugar do desterro e no local para esse fim designado.

A prisão, no todo ou em parte, é remível em qualquer altura pelo pagamento voluntário da multa ou pela cobrança efectiva do seu montante ou pela força dos bens penhorados ao infractor.

Quando ao crime de especulação, o mesmo diploma estabelece as seguintes disposições:

Comete o crime de especulação todo aquele que sob qualquer pretexto, alterar ou tentar alterar os preços ou vender ou tentar vender por preços superiores aos que estiverem legalmente fixados.

A especulação é punida ainda que outras causas tenham também concorrido para a alteração dos preços.

O crime de especulação é punido com a multa de 500\$00 a 100 contos.

O decreto determina ainda:

Os funcionários do Estado, das autarquias administrativas, dos organismos corporativos e de coordenação económica, considerados como autores, cúmplices ou encobridores dos crimes previstos nos artigos antecedentes, incorrerão, sem prejuízo das penalidades neles estabelecidas, na pena de demissão, que lhes será aplicada em processo disciplinar, organizado nos termos dos artigos 33.º e seguintes do decreto-lei n.º 23.203, de 6 de Novembro de 1933.

As sociedades civis e comerciais são solidariamente responsáveis pelas multas aplicadas aos seus representantes ou empregados que cometerem as infracções previstas neste decreto, salvo quando se prove que êles procederam contra ordens expressas da administração.

Conclue no próximo número.

TEATRO MARTINS SARMENTO E M P R E S A JORDÃO & C.ª

HOJE, pelas 15 1/2 e 21 horas

Uma das mais alegres super-produções:

A Irmã de Minha Noiva

interpretada por KATHERINE HEPBURN, CARY GRANT e o famoso cómico ED. EVERET HORTON

QUINTA-FEIRA, 19

O filme policial de género absolutamente inédito:

Por detrás da fachada

Restaurante Palmeira

O melhor Restaurante do Pôrto é sem dúvida o

Restaurante

PALMEIRA

Travessa Passos Manuel, 36

Telefone, 5824.

Cândido P. de Faria.

da cidade

Diversas Notícias

Tribunal Judicial

Distribuição de 9 de Outubro — Acções Sumárias: — Fernando Almeida & C.ª, desta cidade, contra José Jesus Padrão, de Vimioso; Idem, contra José Jacinto Jordão, de S. Tiago de Cacem; Idem, contra Joana Guilhermina, de Montijo; Alberto Pimenta Machado, desta cidade, contra Aníbal de Oliveira Sousa Bastos, de Fafe; João da Silva Monteiro, de S. Paio de Vizela, contra Armando Leão e Silva, da Póvoa de Varzim; Bernardino Alves Marinho, desta cidade, contra José da Mota, de Viana do Castelo. Procedeu-se, também, à distribuição de 16 inventários orfanológicos.

Câmara Municipal

Imposto de Trabalho — A Câmara torna público que, em conformidade com o regulamento da cobrança do Imposto de Trabalho, aprovado em sessão de 23 de Junho, do corrente ano, e de harmonia com o § 4.º do art. 603 do Código Administrativo, se acha patente na Secretaria da Câmara, durante o espaço de 30 dias a contar do dia 1 de Outubro, o mapa de lançamento do Imposto de Prestação de Trabalho, para os contribuintes o poderem examinar e fazerem a reclamações que considerarem justas.

Legião Portuguesa

Iniciam-se hoje, os exercícios do Batalhão n.º 13 da L. P. com sede nesta cidade.

Pelo Ensino

Foi colocado na Escola Masculina do Sagrado Coração de Jesus, o professor sr. António Martins Gonçalves.

Santa Casa da Misericórdia

Vai ser nomeado Capelão do Hospital da Misericórdia, desta Cidade, o rev. Jacinto de Andrade que, durante muitos anos, exerceu o mesmo cargo na Misericórdia da vizinha vila de Fafe.

Colónia Balnear Infantil

Regressaram no domingo da Póvoa de Varzim as crianças, filhas de operários da nossa Terra, que fizeram parte da Colónia Balnear dos Sindicatos Nacionais de Guimarães. Foram recebidas, festivamente, pelos componentes dos mesmos Sindicatos, ouvindo-se o repicar dos sinos e o estrear-se de foguetes.

Vida Católica

Na passada sexta-feira, realizou-se na capela das Oficinas de S. José uma festividade em honra de Nossa Senhora de Fátima, tendo saído às 12 horas uma procissão, que deu a volta ao Largo da República do Brasil.

Na igreja paroquial de S. Sebastião, realiza-se, hoje, uma imponente solenidade em honra de Santa Teresinha do Menino Jesus.

Agressão

O guarda n.º 66 da P. S. P. acompanhou ao Hospital da Misericórdia, Waldemar da Costa, casado, estuador, natural de Matosinhos e residente em parte incerta, o qual foi agredido à navalhada na freguesia de

Creixomil. Desconhece-se quem foi o agressor.

Beneficência

Do nosso prezado amigo sr. Arnaldo Alpoim da Silva Menezes recebemos, há tempos, para os nossos pobres, a quantia de 20\$00, com a qual contemplamos diversos protegidos deste jornal.

Em nome dos mesmos, o nosso agradecimento.

Incêndio

No domingo à noite foram chamados os socorros dos B. Voluntários, para a freguesia de Gondar, onde se manifestou um incêndio num barraco que servia de armazém de palha e lenha, junto ao alpendre da Quinta do Outeiro, pertencente ao Sr. Fernando Sampaio Cardoso, residente no Pôrto e de que é caseiro o lavrador Luis de Abreu.

O incêndio foi rapidamente localizado por alguns populares e pelos Bombeiros que compareceram com a maior prontidão. Os prejuizos são insignificantes.

Pela Policia

Queixou-se à policia João da Silva, casado, ao serviço da Casa dos Pobres, contra Arnaldo da Silva Lopes, solteiro, maior, servicial, da freguesia de Didães, concelho de Felgueiras, e residente em parte incerta, por este o ter burlado, na importância de 100\$00. A policia entregou a ocorrência ao Tribunal.

Novo horário dos comboios

O novo horário dos comboios está causando muitos prejuizos, principalmente às pessoas residentes nas proximidades desta cidade, como Vizela, Lordelo, Negrelos, etc.

O comboio que aqui costumava chegar por volta das 9 horas da manhã, ficou sem efeito, assim como o das 10.30. Foram substituídos por um comboio que aqui chega depois das 11.30. Ora os alunos do Liceu e da Escola Industrial, são obrigados a faltar às primeiras aulas, o que os levará por certo a desistirem dos seus estudos. Outras pessoas há a quem o novo horário vem causando enormes prejuizos, pois não podem vir, a tempo e horas, tratar dos seus negócios.

A Direcção da Companhia, pedimos as necessárias e urgentes providências.

Internato Académico

Neste excelente Internato Liceal abriram as aulas para alunos matriculados no Liceu de Martins Sarmiento.

A aula de Instrução Primária-Admissão aos Liceus tem tido uma grande afluência de matriculas, devido aos bons resultados dos anos anteriores e ao empenho da direcção em adoptar novos métodos de ensino de modo a satisfazer todas as exigências.

E' dever de todo o bom Vimaransense, amigo da sua terra, preferir os nossos bons estabelecimentos de ensino aos de fora da terra, para que se não prove que o nosso bairrismo é só de taboleta e não tenhamos a lamentar o desaparecimento sem remédio de qualquer dêles.

Colégio de N. Senhora da Conceição do Campo da Feira

Depois de terminadas as obras feitas neste colégio, abriram as aulas do Curso Geral do Liceu completo e Instrução Primária-Admissão ao Liceu. Apresenta este ano uma nova e

elegante sala de jantar para as alunas internas e semi internas e as aulas soalhadas de novo dando um aspecto de conforto e frescura.

Em vista dos brilhantes resultados obtidos no ano findo e por nós aqui publicados, não admira que a frequência vá aumentando de ano para ano.

Serviço de Farmácias

Hoje, está de serviço permanente a Farmácia Dias Machado, à Rua da República.

Boletim Elegante

Comodoro Sousa Ventura

De visita a sua familia tem estado nesta cidade o nosso illustre conterrâneo e amigo sr. Comandante António Garcia de Sousa Ventura.

Partidas e chegadas

Com sua familia regressou a Lisboa o nosso prezado amigo, sr. dr. Raúl Alves da Cunha, illustre Jutz Conselheiro do Supremo Tribunal Administrativo.

Esteve de novo entre nós o nosso prezado amigo sr. Jacinto Guimarães.

Com suas familias regressaram a esta cidade os nossos prezados amigos srs. Artur da Silva Pereira, digno gerente da Agência do Banco Nacional Ultramarino, Domingos Leite de Castro, digno gerente da Agência do Banco de Barcelos; Joaquim Azevedo, distinto professor, Amadeu Almeida e Pedro Fernandes.

Com sua familia regressou das suas propriedades de S. Cláudio do Barco o activo e estimado solicitador encarregado e nosso prezado amigo sr. Francisco de Faria.

Regressou à sua casa de Paços-Vieira, com sua familia, o nosso prezado amigo sr. Tenente Coronel Francisco Martins Ferreira.

Com sua familia regressou das suas propriedades de Souto o nosso prezado amigo e distinto advogado sr. dr. António Amaral.

Com sua familia, regressou de Ancora o nosso prezado amigo, sr. Manuel Soares Moreira.

Entrou no gôso de 30 dias de licença o Sr. José Fernandes Ribeiro Gomes, digno Official de Secretaria da Câmara Municipal.

Aniversários natalícios

Altívino Gonçalves — No próximo dia 20 faz anos o nosso prezado amigo e distinto colaborador, sr. Altívino Gonçalves, a quem "Notícias de Guimarães", apresenta desde já os seus cumprimentos de felicitações.

No passado dia 13 fez anos o sr. José Maria Nunes de Vasconcelos, activo e estimado viajante da importante casa desta praça Sousa & Coelho, a quem felicitamos.

Doentes

Tem passado ligeiramente incomodado o nosso prezado amigo sr. Alberto Vieira Braga.

Tem experimentado sensíveis melhoras o nosso prezado amigo e conceituado negociante local, sr. Eduardo Pereira dos Santos.

Encontra-se gravemente doente o sr. José Lopes da Cunha, regedor da freguesia de Infias.

Tem experimentado sensíveis melhoras o nosso prezado amigo e conceituado industrial, Sr. José Torcato Ribeiro.

Tem passado ligeiramente incomodado o nosso prezado amigo sr. António José Pereira de Lima.

A todos os doentes desejamos as mais rápidas melhoras.

FALECIMENTOS e SUFRÁGIOS

Dr. Joaquim Augusto Ferreira Machado

Na sua Casa de S. Gemil, freguesia de S. João de Ponte, dêste concelho, finou-se, com 66 anos de idade, o distinto clínico sr. Dr. Joaquim Augusto Ferreira Machado, apertado com algumas familias desta Cidade.

O seu funeral, efectuou-se na segunda-feira, na capela do Cemitério Municipal, para onde o cadáver foi trasladado com o acompanhamento de diversas pessoas de familia e outras das suas relações.

Aos resposos fúnebres assistiram numerosos amigos do saudoso extinto.

Menina Maria José da Fonseca Barbosa d'Oliveira

Após dolorosos sofrimentos e na esperançosa idade de 12 anos, finou-se na quinta feira, na residência de seus pais, ao Largo da República do Brasil, a menina Maria José da Fonseca Barbosa d'Oliveira, filha do Sr. Cândido Barbosa d'Oliveira e de sua esposa a sr.ª D. Glória Ema da Fonseca Barbosa de Oliveira e sobrinha das sr.ªs D. Arminda, D. Augusta e D. Ermelinda Fonseca e dos nossos amigos srs. José, Domingos, Ernesto e António Soares Barbosa d'Oliveira e das esposas dos também nossos amigos srs. Silvino Alves de Sousa, Alberto Augusto e Manuel Lopes Cardoso.

O funeral da inditosa criança efectuou-se na sexta-feira de manhã para o Cemitério d'Atougua, em cuja capela foram resados os resposos por sua alma.

O atafúde estava coberto por muitas e mimosas flores, tendo tomado parte no préstito muitas pessoas das

relações da familia enlutada, à qual apresentamos condolências.

Faleceram: em S. Miguel de Creixomil, Nicolau Martins Gonçalves, de 60 anos, carpinteiro; na Rua Trindade Coelho, José de Oliveira, de 70 anos, operário cortador e, na V. O. T. de S. Domingos, Camilo Alves, de 56 anos, domiciliado no Asilo de Mendicidade dos Santos Passos.

Sufragando

Comemorando o 21.º aniversário do falecimento do sr. Eduardo Teixeira Mendes, filho do sr. Francisco Teixeira Mendes, foi celebrada uma missa, em sufragio da sua alma, na Basílica de S. Pedro.

Da familia da saudosa sr.ª D. Maria Rosa da Silva e em sufragio, recebemos, para os nossos pobres, a quantia de 25\$00. Foram contemplados 10 pobres a 2\$50.

Em nome dos contemplados os nossos agradecimentos.

Amanhã, ás 8 horas, será resada uma missa, na capela de N. S. da Guia, por alma da sr.ª D. Maria Rosa da Silva, mandada celebrar pela Devoção de N. S. de Fátima.

De luto

Pelo falecimento de uma sua cunhada e tia, respectivamente, encontram-se de luto a sr.ª D. Luisa Gomes de Araújo Fernandes Guimarães e o nosso prezado amigo sr. Heitor Fernandes Guimarães. Os nossos pezames.

TRANSCRIÇÕES

Nos seus últimos números, os nossos prezados colegas «Póvoa de Lanhoso» e «Desforço» transcreveram as Poesias «O Riso da Caveira» e «A Polónia Mártir» da autoria do nosso illustre colaborador, Sr. Delfim de Guimarães.

Muito obrigados.

Inverno!

Frio!

Constipação!

Evite tanto quanto possível molhar os seus pés. Para os seus filhos tenha ainda mais cuidado. A «SAPATARIA LUSO» — sem ser médico — participa-lhe que já recebeu galochas e botas altas de borracha da BATÁ, a melhor marca estrangeira, assim como um variadíssimo sortimento em calçado para abafa.

Visite os estabelecimentos

SAPATARIA LUSO

(140)

Telefone, 264

Eagle

A Gabardine da Moda.

##

Qualidade garantida.

##

Perfeito acabamento.

##

Preços

de antes da Guerra.

Agente em Guimarães:

LOJA DAS CAMISAS

(Ao Toural)

CAMISARIA MARTINS.

Escrituração Comercial e Francês Prático

A partir de 15 do corrente, começará a funcionar, no Largo da Oliveira, 19-2.º, um curso nocturno destas disciplinas, regido por pessoa devidamente habilitada, com larga pratica. Quem desejar inscrever-se, poderá dirigir-se à morada supra, onde serão dados esclarecimentos. (135)

Cão Fox Terrier

Da Rua de Gil Vicente, N.º 40, desapareceu há dias um cão desta raça, branco e com malhas pretas, cauda cortada e com uma profunda cicatriz na espinha dorsal.

Pede-se a fineza de se indicar o seu paradeiro a Amadeu C. Penafort, avisando-se que a todo o tempo se procederá contra o detentor, quando encontrado. 137

Guimarães, 12 de Outubro de 1939.

Tipografia Minerva Vimaransense

Execução perfeita e rápida de todos os trabalhos Tipográficos

Rua de Santo António Guimarães

Desporto

Campeonato do Distrito — Para começar, 14-0. — Em Reservas, mais 7 — Cautela!... — O encontro de hoje — O novo avançado-centro do Vitória.

O primeiro jogo do Campeonato Distrital, iniciado no domingo, pôs frente a frente, no Benlhevai, o Vitória S. Club e o Foot-ball C. de Braga — grupo este que pela vez primeira entra na disputa da prova da Divisão de Honra.

Neste encontro, como estava previsto, o Vitória conseguiu um volumoso triunfo, não tendo tido dificuldades para o obter. Os rapazes de Braga que, no começo do jogo, nos deram a fugidia impressão de irem oferecer boa resistência ao adversário, deixaram-se bater facilmente e... estrondosamente. 14 bolas acumulou o Vitória nos noventa minutos, e mais longe teria ido o marcador se ao centro da linha atacante estivesse um jogador que aproveitasse algumas das muitas oportunidades que se lhe ofereceram. Assim não aconteceu, mas, apesar disso, o resultado é bem expressivo para se avaliar a diferença de classe existente entre os contendores.

Se as futuras exhibições do F. C. de Braga *afinarem* pela que fez no Benlhevai, fraco futuro lhe está reservado e, aí vai uma verdade, mau foi que tivesse saído da categoria em que estava. Bem sabemos que nem todos os grupos que andam a disputar a prova têm a categoria do seu adversário de domingo. Mas o que lhe vimos fazer é pouco, é muito pouco mesmo. Não é só com entusiasmo que se disputam as provas. Algo mais é preciso.

De toda a equipe um só elemento mereceu relevo — o guarda-redes. Foi pena que se visse tam desajudado.

O Vitória, neste jogo, não fez boa exhibição. Talvez influência do ambiente... A sua linha dianteira, que esteve quasi permanentemente instalada no meio campo contrario, não soube tirar todo o proveito dessa vantagem. O bom trabalho de Pantaleão e Tavares foi muito prejudicado por Alexandre, que mais uma vez confirmou a nossa opinião sobre as suas possibilidades.

Ricoca só uma vez defendeu a sério. João e Lino deram-lhe bom descanso. Nos médios, Vitorino melhorou, colaborando com o ataque. Zeferino esteve bem. José Maria cumpriu regularmente. Bravo foi activo e oportuno até meio da 2.ª parte. Depois discutiu e... «embuxou» — e isso é feio e prejudicial. Laureta foi o mesmo de sempre: incansável.

A primeira parte do encontro terminou com o Vitória a ganhar por 6-0. Na segunda fez mais 8 pontos.

Foram marcadores:
Pantaleão, 5 — 2.º, 3.º, 4.º, 7.º e 8.º;
Tavares, 4 — 5.º, 6.º, 9.º e 11.º;
Bravo, 2 — 1.º e 13.º;
Laureta, 2 — 10.º e 14.º;
Alexandre, 1 — 12.º.

Arbitrou o sr. Jorge de Vasconcelos, do colégio bracarense. O seu trabalho foi imparcial, mas teve alguns erros.

Em desafio preliminar jogaram as Reservas dos dois grupos. Os vimaranenses triunfaram por 7-0, resultado obtido na 2.ª parte. Estes revelaram larga superioridade sobre o adversário e as bolas marcadas não traduzem outra coisa. Na primeira parte não houve goals por má pontaria dos dianteiros e pela boa actuação do guarda-redes bracarense. Os pontos foram marcados

O NOTÍCIAS

DO EDIPISTA

Secção Charadística dirigida por Lusbel

Dicionários adoptados nesta Secção: — Torrinha, Moreno, Ligorino, Povo, Roquete, (sin. e ling.) e Sinónimos de Bandeira.

Campeonato Charadístico

Resultados do n.º 1 — 5.ª Série

Soluções

181) chalaça; 182) PAROLA; 183) aventá; 184) auritos; 185) pasmosa; 186) almoço; 187) MORMENTE; 188) copejar; 189) rafado; 190) mercedes; 191) realçar; 192) gozaria; 193) carnalmente; 194) DESFIADA; 195) LADINO.

Quadro de distinção

N.º 182, 195, 187 e 194.

RELATÓRIO

Prezado confrade:

Após um rápido exame aos trabalhos publicados no número 1 da 5.ª série, resolvi distinguir:

Em verso, 182;

Em prosa, 195, 187 e 194.

Disponha sempre do amigo certo

P. de Inkin.

Quadro de Honra

(Pontos a decifrar: 16)

Agnus Matutus, Alguém, Alvarinto, Biscaro, Castela, Conde, Copofónico, Dado, Diadema, Dropê, E'dipo, Erbelo, Etnop, Fidélio, Fosquinha, Hannibal, Já Mexe, Jorubasil, Josilcar, Lérias, Madame Lérias, Miss Sporting, Mora Rei, Morenita, Oraval, Pacatão, Rei Téxai, Rei Viola, Ricardo, Romen, Rotie, Sabrigaita, Sinlho, Soba da Torre, Tinobe, Valis, X-8 e X-9.

Totalistas.

Quadro de Mérito

Labita e Vareira, 13; Délia e Doralvas, 12.

DIPLOMATAS

Desta vez ninguém veio à fala...

As listas do presente número devem estar em nosso poder até ao dia 29 de Outubro.

Charadismo

N.º 5 2.º Ano 5.ª Série

226) Charada em verso
O meu amor não me quere,
Deixá-lo! Eu sei esperar...
Acaso a água do rio
Não corre só para o mar? — 1-1

por Constantino, Virgílio, Bôlsas, «28» e Mário.

A arbitragem esteve a cargo de João Passos e agradou.

Aos jogadores do Vitória aqui lembramos a necessidade de manterem em campo a mais irrepreensível conduta, quer com o árbitro, quer com o adversário, quer mesmo com o público. As penalidades dos regulamentos são bem claras e nós sabemos que as mesmas vão ser aplicadas com todo o rigorismo. Cuidado, pois!

Se todos tiverem isto sempre presente não teremos que lamentar desgostos e aborrecimentos. E é isso que todos os bons desportistas esperam e desejam.

Ao público compete também manter compostura. Sem deixar de entusiasticamente animar os seus representantes, deve evitar de proferir dichotes e nunca contribuir para a generalização de qualquer conflito entre os jogadores. Deve antes aconselhar-lhes prudência e serenidade.

Se assim se fizer tudo decorrerá bem.

Em continuação da prova, jogam hoje, no Benlhevai, o Vitória e o Sporting, de Braga. Velhos rivais, o desafio vai revestir-se de muito entusiasmo. Tudo faz prever o triunfo do Campeão do Minho, grupo presentemente melhor apetrechado que o adversário. No entanto, os vimaranenses de-

Sincopadas

127) Aliança é casamento,
A's vezes, é documento
De impercível memória,
Quer ela nos fale de amor
Quer nos diga do valor
E' sempre forte na história.—3-2

228) A beleza da morena não en-
gana, é verdadeira. — 3-2

229) Dei-lhe com o sapato na cara,
depois duma discussão acalorada — 3-2

230) Tem aspecto grosseiro, todo
o homem que é bêbedo. — 3-2

231) A orgia é um precipício para
os cérebros em decadência moral. — 3-2

Biformes

232) Pelas práticas observadas, de-
ve dar-se a cada um o seu. — 2

233) ... e sereno deixou que o
tratasse da "lançada", que o atin-
giu. — 5 (Ao LÉRIAS)

234) Nunca te mostres indiferente
à dor de um estranho! — 3

235) Para o próximo verão, have-
mos de ir à caça das avestruzes. — 2
(Ao CONDE)

236) Goza bem as férias que o
tempo está manso. — 2

Novíssimas

237) Não desejar aos outros aquilo
que se não quer para nós, é virtude
que se não encontra. — 1-1

238) Conforma te com a tua sorte
e darás um exemplo sublime. — 3-1

239) Altercação produz confusão.
— 3-1

240) Quando acaba o dinheiro, tu-
do se aventura e nada se agarra. — 2-2

Correio

REI DO ORCO: — Não há "trafulhi-
ce". O enleição volta a ser o que era.
Aqui registo os seus cumprimentos
para a "malta", vimaranense. Ao pre-
zido Director do Jornal, dar-lhos-ei
pessoalmente. Um grande abraço.

ALGUÉM: — Felício-o pela sua vol-
ta como decifrador e pelo seu ingresso
no aguerrido grupo dos "F. L.". Cum-
primentos.

FIDÉLIO: — Registo com prazer a
sua oferta de um dicionário Torrinha
para prémio do torneio. Obrigado.

OLEGNA: — E os azulijos? Veja se
resolve isso, pois continuamos à espe-
ra das suas ordens. Saú-lações.

Lusbel.

Correspondência: — J. GARCIA
— Rua Egas Moniz, 85 — Guimarães.

Do Concelho

Vizela, 13.

Ao sr. dr. João Rocha dos Santos, ilustrado Presidente da Câmara de Guimarães, tomamos a liberdade de apresentar os nossos respeitosos cumprimentos de parabéns pelo seu aniversário natalício, que passou no dia 7 do corrente. Que seja por muitos e ditosos anos!

— O sr. dr. João de Freitas oferece 300\$00 para as obras da construção da Residência Paroquial de S. Miguel. Bem haja sua ex.ª! Gesto nobre e simpático!

— Na realidade, conforme os diários já teem dito, faz aqui falta o combóio 283, que chegava a Guimarães às 8,22, há dias suprimido, — que era o aproveitado pelos alunos que daqui vão frequentar as aulas àquela cidade. Sendo possível, justo seria o seu restabelecimento.

— O tempo continua de inverno, nada propício ao tempo de vindimas e outros serviços agrícolas, etc., etc.

— No próximo domingo, 15 do corrente, exhibe se, no Cine-Parque, a conclusão do famoso filme "Dragão de Fogo", que tanto tem agradado. São 30 episódios, em 30 partes, com o "Planeta Destemido".

— Na sua quinta, desta vila, tem estado, com sua família, o sr. Alexandrino Guimarães, dessa cidade.

— Vont para o Céu a alma da inocentinha Maria de Belém, filha querida do sr. Camilo da Silva, conhecido chafeur desta vila.

— Celebraram-se hoje missas nas paróquias de S. Miguel e de S. João em honra de Nossa Senhora de Fátima, suplicando a paz. Ambos os templos foram muito concorridos. — C.

Moreira de Cónegos, 11.

Por esquecimento não dissemos no último número do «Notícias de Guimarães» que o pedido de casamento da menina Irene Fonseca da Vitória, estimada filha do sr. Eduardo Fonseca da Vitória, empregado da farmácia Vitália, da cidade do Porto, para o sr. Armindo Diniz Dias Corais, desta freguesia, foi feito pelo sr. João Pereira de Magalhães. Que nos desculpe este sr. a nossa falta involuntária.

— Visitou-nos, como tínhamos noticiado, o grupo de honra Sporting Club da Fontinha, do Porto, que, no Campo das Vinhas, enfrentou o Moreirense Futebol Club, em disputa da taça Jaime Ramos, oferta daquele grupo. O desafio decorreu abaixo da máxima correcção tanto da parte da assistência como dos jogadores.

O Fontinha desenvolveu um futebol vistoso e correcto, mas o Moreirense, aguerrido, sem chegar às suas

melhores tardes, conseguiu o expressivo resultado de 5-0.

Dos vencidos, gostamos: Guarda-redes, defesa esquerda, ponta esquerda e avançado, sempre. Dos vencedores, todo o conjunto agradou com excepção de Acácio e Pinto.

Arbitrou o desafio muito imparcialmente, e como sempre, o sr. Carlos Pereira da Silva. — C.

Escutismo

Já está passada a quadra do ano que mais seduz o escuteiro, o verão. Com ele vai-se a alegria dos acampamentos, as lindas noites passadas debaixo da humilde tenda, em que tudo que a rodeia nos revela o segredo da natureza, e o lindo céu estrelado nos faz viver horas sublimes, elevando o nosso pensamento até Deus. Foi durante essa quadra que dezenas de escuteiros fizeram o seu campismo, aprendendo melhor a amar a Deus, a Pátria e o próximo, preparando-se assim para um futuro mais sedutor. Foi durante os acampamentos que essa Juventude privada de qualquer conforto físico, abalou pelos montes, cantando, orando, fortalecendo a alma e o corpo. Foi nesse pequenos estágios que esse punhado de rapazes trocaram o marasmo da cidade pela vida alegre e saudável do campo. Foi nesse dias, sempre saudáveis, que o ar viciado da cidade foi trocado pelo perfume dos campos sempre tonificante. Saúdoso tempo, que recordações gratas nos deixastes e lições maravilhosas nos proporcionaste. Quanto me recordo da maneira como empreguei o meu tempo, durante os 5 acampamentos a que assisti. Que lindo, que maravilhoso, viver entre rapazes alegres, com a mesma vontade, e com o mesmo ideal. Como era comvente, a santa missa rezada num altar improvisado, tendo por abóbada o firmamento, e a rodeá-lo os lindos e gigantescos encalptos. Quanto nos falava ao coração a palavra do celebrante, quebrando o silêncio do monte, lembrando os deveres do escuteiro. Como era edificador a recitação do terço pelos acampados, implorando ao Céu a protecção para o nosso querido Portugal. Como eram interessantes e animadas as refeições, preparadas pelos próprios escutas, e que a sombra amiga dum carvalho contribuía para melhor serem saboreadas.

Aproxima-se a noite. As avesinhas vão deixando pouco a pouco a convivência. Acendiam-se os candeeiros, porque a escuridão já era grande, e preparava-se a fogueira, para dar início ao tradicional fogo de Conselho, número escutador e cheio de vida, onde os escutas manifestam o melhor da sua vontade. Abria a sessão o querido Aesistente. Numa breve exortação, ele demonstrava aos seus escutas quais as belezas do campo, expli-

cando o significado daquela reunião à volta da fogueira e a sua influência na nossa alma. Quantos e quantos, por desgraça, naquela hora, viviam o fogo da miséria e do vício. Quantos estariam, naquela hora, a sentir o calor do ódio e do alcool. Quantos e quantos estariam naquele momento, não à volta duma fogueira, mas sim à volta da mesa miserável do jogo, onde a honra, a dignidade e o dinheiro são destruídos criminosamente. Ao contrario d'esses, aqueles escutas viviam o fogo sagrado que lhes temperava a alma. Recordavam que o fogo lhes lembrava a pureza dos pensamentos, das palavras e das acções. Enquanto na cidade a Juventude se debilitava com prazeres, que derrotam o carácter, assassinam o corpo e a afasta de Deus, esses rapazes saíam triunfantes da luta do bem, contra o mal, aperfeiçoando o seu carácter, servindo e amando o seu Deus, e purificando a consciência para uma nova vida. Cantando, eles vão ganhando a convicção de que, para ser um homem digno do nome de português, não se deve vegetar pela vida como um simples ser, despidido de sentimentos e de honra. Deve se formar o espírito à altura de compreender quais os deveres do homem como filho, como cristão, como chefe de família e, por fim, como filho de Portugal.

Quantos e quantos risinhos erróneos, de alguns, e chalaças de outros, talvez d'esses que nunca souberam ser portugueses, esses escutas suportam, só com uma vontade firme — a de vencer — e venceremos se Deus quiser.

A. G. S.

Um apelo à Caridade

Um pobre operário da nossa terra, novo ainda, pois conta 29 anos apenas, casado, com 2 filhos, sofreu, ultimamente, a amputação de ambas as pernas.

Perante tamanha desgraça recorreu o infeliz a pessoas amigas no intuito de conseguir um carrinho que lhe permitia transportar-se de lado para lado e essas pessoas, porque não são ricas, pedem-nos para que façamos aqui um apelo aos nossos leitores, no sentido de se conseguirem alguns donativos, para ajuda da aquisição desse carro.

O infeliz mora no Largo do Ourado, n.º 18 19. Oxalá que os nossos leitores possam contribuir para que o infeliz Francisco Fernandes possa conseguir aquilo que neste momento deseja e lhe é absolutamente indispensável.

Leitores, acorrei em seu auxílio.

Transporte . . . 35\$50

Recebemos mais do nosso prezado amigo sr. Arnaldo Alpoim da Silva Menezes, residente na cidade da Beira (Africa) 20\$00

A SOCIAL

COMPANHIA
PORTUGUESA
DE SEGUROS

S. A. R. L.

CAPITAL ESC. 500.000\$00

Preferida pela organização da sua assistência para os

SEGUROS CONTRA DESASTRES NO TRABALHO

SÉDE — Rua Cândido Reis, 51 a 61

PORTO

Agência geral em GUIMARÃIS:

Alberto Pimenta Machado.

Delegado para a ASSISTÊNCIA:

Henrique de Sousa Correia Gomes.

vem encarar a partida a sério porque a bola tem caprichos.

Neste encontro o Vitória faz alinhar o seu novo avançado-centro — Oliveira, vindo do Académico, do Porto. Com tal aquisição a linha dianteira fica muito valorizada, pois aquele elemento tem seguro conhecimento do lugar.

J. G. de Freitas.

COMARCA DE GUIMARÃIS

Secretaria Judicial

ANÚNCIO

(1.ª publicação)

No dia 29 do corrente, por 12 horas, à porta do Tribunal Judicial desta comarca, serão postas em praça para serem entregues a quem maior preço oferecer acima do seu valor, 21 acções, ao portador, da Empresa Termal das Taipas, do valor nominal de (100\$00) cem escudos, e 6 títulos de 5 acções cada um, da mesma Empresa, do valor nominal de (500\$00) quinhentos escudos cada, que foram penhoradas ao Doutor Alfredo Fernandes, da Povoação das Taipas, por virtude da Execução de Sentença que lhe move "A Sociedade de Perfumes Nally", de Lisboa, pela 3.ª Secção da Secretaria Judicial, desta comarca, e, que vão à praça, todas, pela quantia total de (1.275\$00) mil duzentos e setenta e cinco escudos.

Guimarães, 10 de Outubro de 1939.

Verifique a exactidão.

O Juiz de Direito,

Rodolpho Arthur d'Abreu.

O Chefe da 3.ª Secção,

Luis Cândido Lopes. (139)